

# PSDB agora pensa em recriar a CPMF

**Está difícil juntar os cacos no partido após o racha nos últimos dias entre senadores e governadores?**

Não tem muito caco para juntar. O papel dos governadores é governar. E, para isso, precisa ter aproximação do poder central. Os governadores do PT eram bem tratados pelo ex-presidente Fernando Henrique. E não vai ser diferente com os governadores tucanos. Quem deve fazer oposição é a bancada parlamentar, de deputados e senadores.

**A bancada derrotou o governo Lula, mas também os dois principais líderes do partido, José Serra e Aécio Neves, que se mobilizaram pela CPMF. Isso não os enfraquece?**

Não, porque tenho certeza de que o gesto que tomamos vai reverter o cenário interno e eles vão perceber logo que isso trará muito benefício para o PSDB. Será essencial para a plataforma do partido, a partir da qual a candidatura será lançada. Eles vão perceber nas ruas que o gesto é a afirmação do partido, uma resposta a tanto escândalo, a tanta inércia. Se eu vivesse 10 vidas, repetiria 10 vezes o mesmo gesto.

**O PSDB aceita a criação de outro tributo?**

O PSDB não aceita que o governo Lula tenha o direito de gasto máximo e arrecadação máxima. Nós achamos que ele deve negociar conosco na mesa em janeiro. Estou pronto para isso desde que não fique com insultos, piadinhas. Tem que aprender a respeitar os adversários. Queremos reduzir os gastos públicos. Desonerar a folha de pagamento. Isso hoje impede contratações e não teria impacto para o governo. Se quiser nos tratar com decência, estou pronto para negociar.

**E uma nova CPMF?**

Pode ser, com uma alíquota menor e com perspectiva de alíquota decrescente até certo ponto, para nós jogarmos esse dinheiro todo para a saúde. Desde que tenhamos outra coisa: enquadramento da União na Lei de Responsabilidade Fiscal. Tivemos episódios de catástrofe, crise internacional. Isso tudo tem que ficar resguardado.

Edilson Rodrigues/CB



**“COM UMA ALÍQUOTA MENOR E COM PERSPECTIVA DE ALÍQUOTA DECRESCENTE ATÉ CERTO PONTO, PARA NÓS JOGARMOS ESSE DINHEIRO TODO PARA A SAÚDE. DESDE QUE TENHAMOS OUTRA COISA: ENQUADRAMENTO DA UNIÃO NA LEI DE RESPONSABILIDADE FISCAL”**

**No plenário, o senhor disse que o PSDB viveu momentos tensos na negociação. Qual foi o mais tenso?**

Quando percebi que não poderia digerir mesmo a proposta do governo, a prorrogação da CPMF por mais um ano, com discussão na reforma tributária. Uma boa proposta, mas não havia mecanismo para fazê-la factível. Hoje, se a tivesse aceitado, poderiam não cumprir nada. Quero garantia, medida provisória ou lei na minha cara, quero responsabilizar presidente e governo. Na quarta-feira (dia da votação), amanheci com a sensação de não ter dormido: ou faço algo para apaziguar os governadores, ou faço algo que vai dar conforto a uma bancada que me tem sido leal ao extremo. Muitos senadores diziam que não estavam concordando, mas votariam comigo. Era uma questão de honra. Não podia dar para trás na palavra. Eu tinha razões políticas. Acho que ter princípios é coisa correta, se perder no principismo é estagnante.

**O senhor não teme que o presidente Lula parta para um confronto político de ricos contra pobres?**

Não temo. Isso deu errado na Venezuela. Seria o Waterloo do presidente Lula. O presidente hoje tem uma aprovação que tem merecimento, sobretudo por conta do primeiro governo, e dos oito anos do governo FHC e da falta de crise internacional. O fato é que ele tem uma aceitação não só dos desclassificados. Mas também em outros setores da sociedade. E teremos que ser o general Wellington para derrotá-lo. Não venham com essa história de pobre contra rico, que é medíocre. Baixar o nível atrapalha as negociações. Se o governo for por aí, não vai contar com boa vontade nossa.

**Como é ser a pedra no sapato do presidente Lula?**

Tenho uma boa relação com ele. O presidente Lula era um amigo pessoal. Deixou de ser. Eu diria que voltamos a ser pessoas de relações cordiais. Ele tem que compreender: uma coisa é sermos um partido pronto-socorro de governo. Outra é um partido consequente, consciente, que não se nega a sentar para negociar. E não para quebra-galho, mecânico de beira de estrada.